

A REVOLUÇÃO PELA ALEGRIA: BRINCAR E PESQUISAR

*Willian T. Girarde¹,

1. Orientador do Programa Syans de Iniciação Científica; *willian@syans.com.br

Palavras Chave: *Brincar, Pesquisar, Alegria*

Introdução

Brincando livre à beira-mar e minutos depois de construir um castelo de areia com uma pá de plástico, ele tem sobre a testa uma daquelas antigas viseiras, veste uma pequena sunga e, enfim parado, sem camisa, repousa as mãos sobre a cintura para uma foto. Aqui, um desafio ao leitor: o sujeito é uma criança ou um adulto? A pergunta traz à superfície um tema relevante e esquecido pelos adultos: o brincar. Pobres adultos. É que, inerente à figura da criança, brincadeiras são socialmente relacionadas à infância de um ser humano, não mais que isso. Já aí, um primeiro contratempo. Não é de hoje que antigos filósofos e cientistas, como Einstein e Nietzsche, tratam educação e as próprias brincadeiras como importantes elementos constitutivos da existência humana em toda sua plenitude; se para um — o cientista —, brincar é a forma mais plena de se fazer ciência, de investigar as coisas, para o outro o brincar não se restringe somente à figura da criança, pois em todo o ser humano há uma criança que deseja brincar. O presente estudo, ainda incipiente, pretende demonstrar, em duas fases, que entre os conceitos de brincar e pesquisar existe uma correlação muito forte. Na primeira fase, que teve este estudo como resultado, quase um ensaio, o autor analisou profundamente o conteúdo do documentário *Tarja Branca*, da Maria Farinha Filmes, que, segundo os próprios produtores, é um manifesto à importância de se continuar sustentando na vida adulta um espírito lúdico nascido na infância, mas impellido à medida que o tempo passa. Nele, pesquisadores, professores de música e artes, artistas, psicanalistas, documentaristas, dançarinos e até um palhaço discutem tecnicamente — e com certa propriedade — sobre o tema em questão. Com a análise em mãos, o autor então desenhou um mapa mental para melhor visualizar tal correlação, acessou alguns textos técnico-científicos sobre o tema e, então, escreveu este. O estudo pretende ainda promover uma discussão sobre a educação como um todo: afinal, seria a revolução pela alegria, pelo brincar, uma solução para as mazelas que hoje afligem o universo da educação? Seria também uma forma de minimizar as doenças sociais?

Resultados e Discussão

A análise do documentário registrou não apenas frases reflexivas, mas também alguns dados técnicos que impulsionaram a busca por material científico. Num deles, a informação de que nos Estados Unidos cerca de 45 mil artigos foram escritos sobre melancolia e depressão enquanto não mais do que 400 abordaram a alegria como tema surpreendeu. É uma clara evidência de que vivemos numa sociedade que anda perdendo a originalidade no fazer e, por consequência, citado no próprio documentário, também o prazer pulsional. Isso significa que os indivíduos estão mais interessados por temas que remetem à solução

de problemas de saúde psíquica ou social — muitas vezes decorrência das pressões externas, do stress e da ansiedade no trabalho — e menos envolvidos com temas que envolvem felicidade e o bem-estar. A partir daí, então, os conceitos de brincar e pesquisar se alinhavaram. É que, quando brinca, uma criança é feliz e vive em plenitude. Diz, inclusive, uma das pesquisadoras entrevistadas, que uma criança não vive para brincar, mas a ela brincar é viver. Quando brinca, o brincante se expressa com seu melhor riso, livre e com todos os talentos aflorados. E brincar, refletem os entrevistados, envolve não somente a liberdade de seguir os próprios caminhos e ir atrás dos próprios desejos, mas também se refere à aprendizagem, à criatividade e resolução de problemas, itens ilustrados, por exemplo, pela construção de um carrinho de latas na rua ou pela disputa de uma partida de xadrez. Brincando, as possibilidades são infinitas; quando não, há certamente menos manifestações da alegria. No universo da ciência, uma forte correlação. Ali, o pesquisador tem liberdade para escolher o próprio tema de estudo e não se prende a temas que não de seu interesse; expressa-se em plenitude e opta por se utilizar de seus mais aguçados talentos para seguir em frente nas atividades, pelos caminhos que escolher. A propósito, todo cientista tem autonomia e é absolutamente livre para seguir seu próprio método de investigação e ritmo de aprendizagem. A aprendizagem, por sinal, é resultante natural do processo de pesquisa; aprende-se quando há aprofundamento sobre o tema, quando se convive com outros, quando as críticas chegam e quando, por fim, o momento da descoberta acontece — essência motivacional do pesquisador. Como se descobrir, por si, fosse a brincadeira de quem pesquisa. Porque brincar e pesquisar, como se vê, se relacionam.

Conclusões

Enfim, sem que se perca a ingenuidade — afinal, não é de se esperar que voltemos a infância em todos os aspectos —, é importante que se resgate a realidade lúdica. Não só nas pesquisas e nas brincadeiras, mas na vida cotidiana. Porque mesmo um professor, que corre o dia inteiro, mas gosta do que faz, vive a brincar; feliz, livre, e em plenitude dedica-se alegremente ao que faz. Com limitações, o presente estudo procurou entender se há e, se sim, como se dá a relação entre os conceitos de brincar e de pesquisar. Parece haver, de fato, um nó entre os dois termos e a comprovação, que deve se dar no decorrer deste ano pela próxima fase do trabalho, visa, no futuro, impulsionar uma mudança drástica na estrutura educacional: a revolução pela alegria. Assim, talvez no futuro vivamos num mundo em que pesquisar e descobrir não seja tarefa árdua, mas algo muito divertido, num mundo em que trabalhar não produza stress ou no qual brincar de sunga à beira-mar e construir um castelo de areia seja típico também dos adultos.